

COMO É QUE BIOLOGIA E CULTURA SE ARTICULAM NA PSICOPATOLOGIA EVOLUTIVA?

Etologia da vinculação, organizações familiares e valores sócio-culturais na avaliação clínica das relações precoces

por

Marina Prieto Afonso Lencastre

Resumo

O presente artigo discutirá a articulação da biologia e da cultura na psicopatologia evolutiva a partir de um caso clássico na literatura clínica: o incesto. As posições contraditórias de autores reconhecidos nesta área, assim como o diagnóstico psicopatológico, ou não, que fazem de comportamentos típicos das relações precoces entre pais e filhos, mostrarão como estes dois factores se articulam sempre na psicologia clínica e na intervenção psicoterapêutica.

Abstract

This article will discuss the relationship between biology and culture in evolutionary psychopathology, analyzing a classical case of the clinical literature: incest. The contradictory positions of recognized authors in the area, as well as the diagnosis of psychopathology, or not, they will make of early relationships between parents and children, show how these two factors are always articulated in clinical psychology and psychotherapeutic intervention.

Palavras-chave

biologia
cultura
etologiadoevitamentodoincesto
complexo de Édipo
psicopatologia
psicoterapia

Keywords

biology
culture
ethology of incest avoidance
Oedipus complex
psychopathology
psychotherapy.

* Professora Catedrática da UP e da UFP. (E-mail: mlencast@ufp.edu.pt)

Introdução

As duas últimas décadas têm assistido a um importante crescimento dos trabalhos na psicopatologia evolutiva. Estes trabalhos pretendem compreender as patologias mentais e a intervenção terapêutica a partir de aspectos adaptativos e funcionais, passados ou actuais, que sustentam de forma específica as vias de desenvolvimento e os factores causais envolvidos (Brune, 2008; Brune et al, 2010; Gilbert, P. & Bailey, 2000; Stevens & Price, 2000). Estes factores causais podem ser genéticos e epigenéticos, ecológicos e neurofisiológicos. Uma das razões para o crescimento da perspectiva biológica na psicopatologia prende-se com a sofisticação das tecnologias que permitem levar para o laboratório os ‘comportamentos mentais’ em tempo real (como é o caso das tomografias por emissão de positrões (PET) ou por ressonância magnética funcional (TRMf)). Mas outra grande influência vem dos estudos sobre a evolução dos comportamentos e da vida mental que procuram as homologias entre animais humanos e não humanos para melhor compreender as razões de disfuncionamentos sociais, familiares e mentais. Contrariando as críticas clássicas das ciências sociais sobre o determinismo biológico, as actuais teorias biológicas sobre o comportamento enfatizam a interacção necessária entre factores genéticos, ecológicos e sócio-culturais e o mesmo é verdade para a psicologia clínica evolutiva (Lencastre, 2011)

Se esta é uma abordagem fundamental que permite reconhecer a acção de mecanismos homólogos em situações emocionais e sociais susceptíveis de serem comparadas, um dos problemas que pode levantar vem da transposição linear desses mesmos mecanismos. De facto, colocar no fundamento dos comportamentos e afectos humanos as observações etológicas e neuroquímicas feitas sobre pequenos mamíferos de laboratório ou primatas não humanos corre o risco de reduzir o âmbito da sua compreensão. Os comportamentos humanos são sempre afectados pelos contextos sócio-culturais em que se exprimem, e a organização social das famílias reflecte em grande parte os valores pelos quais os humanos são socializados e vivem as suas histórias de vida¹. É dentro destas histórias de vida que ocorrem os processos selectivos e adaptativos que concorrem para a evolução cultural e biológica. A psicologia evolutiva, por exemplo, mostra através do conceito de co-evolução entre biologia e cultura (Boyd & Richerson, 1985), como os próprios contextos culturais são selectivos dos genótipos e também dos processos epigenéticos de *imprinting* genómico² que poderão afectar o desenvolvimento dos factores neurofisiológicos e as suas disfunções. A cultura está sempre presente e em interacção com o biológico. Assim, é necessário atender aos diversos aspectos biológicos e culturais, e à sua interacção, para poder dar conta da complexidade adaptativa da mente humana e as suas disfunções. Alguns trabalhos actuais começam a considerar a relação entre os contextos ecológicos e culturais e a fisiologia evoluída das populações humanas. Os casos numerosos de autismo nas populações africanas emigradas para os países do Norte são explicados pela deficiência de exposição intra-uterina do feto à vitamina D. De facto, a pele melanizada das mães africanas impede a síntese desta vitamina nas latitudes norte para as quais não está evolutivamente adaptada, e este facto afecta o desenvolvimento do feto (Dealberto, 2011). Outros trabalhos mostram que há evidência de que a dieta alimentar, um traço cultural, tem efeitos epigenéticos herdáveis que podem afectar, de modo não negligenciável, o comportamento e também a predisposição psicopatológica (McGowan, 2008).

Assim, a flexibilidade do comportamento humano é explicada pela especificidade, complexidade e número dos mecanismos ecológicos, culturais, somáticos, psicológicos e sociais co-adaptados que se executam dentro de limitações biológicas evoluídas que começam a ser conhecidas. As suas disfunções executam-se dentro desses mesmos parâmetros (Fabrega, 2002; Kirmayer, 2011). O presente artigo discutirá algumas destas questões a partir de um caso clássico na literatura clínica: o incesto. As posições por vezes contraditórias de autores reconhecidos nesta questão, assim como o diagnóstico psicopatológico, ou não, que fazem de comportamentos típicos das relações precoces entre pais e filhos, mostrarão como os factores biológicos e culturais interagem na psicologia clínica e na intervenção psicoterapêutica. Será ocasião também para percebermos como a psicoterapia pela mentalização e pela palavra, tão óbvia para a nossa concepção ocidental da mente, nasce de um contexto cultural específico em que os valores da autonomia individual e da diferenciação são dominantes, por oposição a concepções interligadas da vida mental próprias a culturas colectivistas.

¹ A história de vida é um conceito da biologia evolutiva que se interessa pelo modo como os indivíduos atingem os seus objectivos biosociais importantes como nascer, crescer, encontrar parceiros, reproduzir-se, cuidar dos filhos etc., tendo em conta as condições do meio ambiente.

² Os processos de metilação genética podem alterar o modo de funcionamento dos genes, activando ou silenciando a sua expressão fenotípica. Este processo, designado por ‘epimutação’ (Morgan & Whitelaw, 2008) pode ser transmitido à descendência, como é provavelmente o caso da metilação patológica de alelo paterno no síndrome Prader-Willi (Buiting et al, 2003).

1. Evitamento do incesto ou complexo de Édipo?

O evitamento do incesto é um dos exemplos que tradicionalmente opôs as concepções culturalistas à biologia. Para Freud (1913), a psicopatologia e a própria cultura reflectem esse interdito fundamental que separa o animal do humano. Lévy Strauss (1949) considera que este interdito consiste na passagem do estado de natureza ao estado de cultura, em que o contrato social, as trocas e a reciprocidade entre humanos se tornam possíveis. Estas ideias basearam-se na assunção de que o incesto era comum entre os animais, uma visão antiga na tradição cultural ocidental que esteve na origem, entre outros, da separação ontológica entre os reinos da natureza e da cultura, com efeitos variados ao nível do pensamento e da prática (Latour, 1991; Descola, 2005; Lencastre, 2008). Freud postulou ainda que uma tendência incestuosa persiste em todos os humanos e que esta é recalcado ao longo do processo de desenvolvimento psicosssexual da criança dando origem, no rapaz, ao complexo de Édipo e, na rapariga, ao complexo de Electra³. Para Freud, é a resolução, ou não, desta fase do desenvolvimento que está na origem da saúde ou da doença mental.

No entanto, a investigação etológica mostrou abundantemente que o incesto é raro entre os animais selvagens e que, nos animais parentais, existe uma adaptação específica para evitar o incesto (Smuts, 1985). Sabemos hoje que os humanos, tal como os outros animais, herdaram este mecanismo de evitamento do incesto a que se dá o nome geral de «efeito Westermarck» por ter sido enunciado, pela primeira vez, pelo antropólogo Edward Westermarck, em 1922. Este autor, que conhecia os efeitos biológicos negativos da consanguinidade, sugeriu que, nos humanos, a co-habitação em idade precoce desenvolve naturalmente uma aversão pelas relações sexuais entre os coabitantes.

O evitamento espontâneo do incesto nos humanos foi convincentemente observado nos kibbutz em Israel (Shepher, 1971) e nos Simoua em Taiwan (Wolf, 1995). Seguindo as preferências sexuais prémaritais de adolescentes que tinham coabitado nos kibbutz dos 0 aos 6 anos, Shepher observou que não houve nenhuma afiliação sexual entre eles. Por sua vez, Wolf estudou mais de 14000 casais Simpua e descobriu que a taxa de natalidade entre os Simpua que tinham coabitado durante os 2.5 primeiros anos era extremamente baixa, o número de divórcios alto, e também era alto o número de infidelidades e de não consumação dos casamentos (Erickson, 2000). Mais importante ainda foi a descoberta de que o efeito Westermarck se desenvolve durante os 2.5 primeiros anos de vida, que correspondem ao período crítico para a vinculação, a distinção entre os familiares e os não familiares, e para a aquisição do desinteresse sexual pelos co-habitantes. Wolf descobriu ainda que se os Simpua tivessem coabitado após os 3 anos de idade, já não mostravam claramente esse desinteresse sexual. Estes resultados indicam que o evitamento do incesto é um fenómeno biológico adaptativo que tem repercussões sobre as preferências psicológicas, e que se desenrola num espaço de tempo definido – até cerca dos 2.5 anos de idade.

Esta descoberta enfatiza um mecanismo biológico evolutivamente antigo ao invés de um processo cultural mais recente. Será que inviabiliza o complexo de Édipo tal como foi proposto por Freud?

O complexo de Édipo parece-nos mostrar com bastante clareza o modo como biologia e cultura interagem para produzirem fórmulas histórico-antropológicas e também vivências psicológicas (emocionais, cognitivas) estruturantes da individuação, no seio dessas tradições.

Tomaremos a descoberta, por Freud, do complexo de Édipo, como a expressão de a) uma tradição histórico-antropológica onde se exprime a biologia do evitamento do incesto; e b) a elaboração dessa mesma tradição cultural, no contexto da psicologia científica nascente; c) o desenvolvimento dessa cultura da mente através da psicoterapia.

2. A etologia do evitamento do incesto

Assim, analisando em detalhe a biologia do evitamento do incesto, Erickson acentua, no seu trabalho de 2000, que as bases de reconhecimento da família se processam até aos 2.5 anos de idade, o que corresponde ao período crítico para o estabelecimento da vinculação e para o desenvolvimento dos comportamentos altruístas (segundo o modelo da vantagem inclusiva; Trivers, 1974)⁴. Para este autor, os laços afectivos formados após este período crítico serão mais significativamente não familiares e provavelmente mais sexualizados. No entanto, esta hipótese não coincide totalmente

³ É de referir que, na tradição psicanalítica, o complexo de Édipo foi em primeiro lugar descrito para o rapazinho, sendo posteriormente aplicado por analogia ao complexo de Electra, na rapariga. Neste texto iremos ocupar-nos do complexo de Édipo masculino.

⁴ O modelo da vantagem inclusiva prevê que o investimento altruísta é proporcional ao grau de parentesco.

com as observações dos comportamentos infantis humanos e com a etologia das relações mãe-juvenil nos primatas, em que o incesto adulto não se observa. Nos chimpanzés, o jovem macho que ainda se encontra junto da sua mãe reconhece os sinais sexuais quando esta está no cio e apresenta vários comportamentos de evitamento da estimulação, como afastar a face, cobrir os olhos com os braços, mostrar sinais de ansiedade, etc (Cyrulnik, 1995). Esta reacção mostra que o jovem animal é sexualmente sensível à mãe e que activa comportamentos evitativos para não se aproximar dela. Esta é também a idade em que as mães chimpanzé afastam activamente os filhos, apesar dos protestos dos juvenis (Goodall, 1986).

Nos humanos, a observação mostrou que os comportamentos sexuais infantis, como as auto-manipulações genitais, começam cerca dos seis meses de idade, nos rapazinhos, e cerca dos dez meses de idade nas raparigas, com demonstrações evidentes de prazer (Bancroft, 2009). Meninos e meninas com cerca de 15-16 meses de idade mostram comportamentos de masturbação claros e podem ocasionalmente montar objectos inanimados (*Ibidem*). Os 3 anos de idade correspondem ao início da socialização autónoma entre pares que, no rapazinho, inclui a exibição de um conjunto de sinais hierárquicos, agressivos e territoriais (Eibl-Eibesfeldt, 1989). Na tradição psicanalítica, Winnicott chama a esta a fase do «pavonear e armar». Os meninos descobrem a importância de serem meninos e as meninas, a importância de serem meninas. Nesta idade, o rapazinho já não se encontra exclusivamente na presença física da mãe e exercita um conjunto de comportamentos de dominância que podem incluir comportamentos sexuais como a exibição e a comparação genital, e por vezes a intenção de montar outras crianças. O comportamento de montar, que é observado nos primatas, tanto no contexto sexual como no contexto das relações de dominância e de submissão (Wickler, 1976), também está presente na espécie humana (Eibl-Eibesfeldt, 1989), podendo aparecer na linguagem (dos rapazes adolescentes, por exemplo) e podendo aparecer fantasmaticamente na clínica, sobretudo nos homens⁵. Assim, para além de uma sensibilidade sexual normal, tal como foi acima descrita para o jovem chimpanzé macho, também não é de excluir que a excitação pela dominância se acompanhe, nos humanos como em outros primatas, de reacções sexuais precoces, sem que estas sejam predictoras de comportamento incestuoso adulto.

3. O complexo de Édipo: tradução familiar e cultural do evitamento do incesto?

Voltando a Freud, Erickson (*op. Cit.*) analisa a proposta do complexo de Édipo e a sua ligação aos 3 anos de idade, como o resultado da vivência precoce de Freud na sua família de origem. Lendo as cartas que este escreveu a Fliess, em que Freud faz grande parte da sua auto-análise, descobre-se que este tinha sido criado por uma ama durante os anos mais precoces da sua infância. O nome dessa ama era Monika Sajil e dela pouco se sabe a não ser o que o próprio Freud escreveu nas suas cartas a Fliess: que a ama foi o seu «prime originator», que era feia, velha e inteligente e que lhe falou muito de Deus Todo Poderoso e do inferno, e que lhe deu os meios de viver e de continuar vivendo ...

Na mesma carta, Freud conta que mais tarde (entre os 2 anos e os 2.5 anos) a sua libido despertou ao ver a sua mãe despida durante uma viagem que os dois fizeram para Viena (Freud, 1985 in Erickson, 2000). Então Freud concluiu que o seu desejo pela mãe e a rivalidade que sentiu pelo pai correspondem ao núcleo emocional universal da infância, o «poder avassalador de Oedipus Rex» (*Ibidem*). Desta história, Erickson deduz que o efeito Westermarck, no caso de Freud, fora orientado para a sua ama e não para a sua mãe. Para este autor, o facto de Freud ter sentido sensações voluptuosas observando a figura materna só prova que o rapazinho não desenvolvera o evitamento espontâneo dos desejos voluptuosos pela mãe; portanto, deduzimos que, para Freud, o interdito deveria ser ditado pela lei da cultura, ou seja pela lei patriarcal do pai.

No entanto, numa outra carta a Fliess, Freud relata um sonho com a ama em que esta lhe ensina «coisas sexuais» (Freud, 1985 in Erickson, 2000). Pelo menos em sonho, Freud fantasia sexualmente com a sua ama; mas, ao contrário de Erickson, que propõe como explicação para este sonho⁶ a hipótese de um abuso sexual precoce de Freud pela ama,

⁵ A interpretação do comportamento de montar no contexto das disputas hierárquicas, nos primatas humanos e não humanos, permite a importante distinção clínica entre o comportamento de montar de dominância (ou de submissão) e o comportamento verdadeiramente homossexual. O primeiro, que a tradição psicanalítica designa de homossexualidade narcísica, relaciona-se com questões de estatuto, de identidade e de poder (questões fálicas), o segundo com questões sexuais e eróticas. Não é de excluir que haja uma forte associação psicológica entre os afectos regulando estes comportamentos diferentes, na medida em que, em termos filogenéticos, a agressão e o estatuto surgem, nos machos promíscuos e poligínicos, estreitamente ligados à reprodução e, portanto, à sexualidade. É de notar ainda que a associação do comportamento de ser montado à submissão serve provavelmente de fundamento para a menorização, em certas culturas, dos comportamentos homossexuais passivos.

⁶ E para a sexualidade omnipresente na obra de Freud.

podemos legitimamente pensar que o mecanismo biológico de evitamento do incesto (adulto) pode incluir sensações sexuais na pequena infância, pelo menos no chimpanzé e provavelmente no ser humano, sem que estas sejam preditivas de incesto no futuro. De facto, a observação de que nos animais há evitamento do incesto é feita quando os animais entram na fase reprodutiva e não antes, porque isso não faria sentido (Smuts, 1985; Goodall, 1986). O mesmo se passa com os humanos: foi a observação do comportamento dos antigos coabitantes dos kibbutz e dos casais Simpua que, retrospectivamente, ajudou a identificar o «efeito Westermarck». Nada sabemos sobre os jogos sexuais das crianças co-habitantes, nem sobre as sensações que possam ter experimentado pelos seus pais – sem que isso tenha sido factor de incesto no futuro. Não está portanto excluída a possibilidade de formas precoces e saudáveis de sexualização das relações familiares, eventualmente, no rapaz, no contexto da afirmação de si, sobretudo se o grupo social acessível se compuser quase exclusivamente dos pais e dos irmãos - sem que esse facto contribua, por si só, para um aumento das relações incestuosas, no futuro.

Ao invés da explicação psicológisante que Erickson propõe para justificar a importância da sexualidade na obra de Freud e, particularmente, a identificação que fez do complexo de Édipo, nós podemos legitimamente assumir que, com este complexo, Freud trouxe à luz um núcleo organizador da cultura social e religiosa da época em que viveu e que marcou (e continua a marcar) a nossa tradição ocidental.

4. A história de vida: interiorização e mentalização do romance familiar patriarcal

De facto, a organização sócio-familiar burguesa do espaço doméstico, próprio das famílias da classe social em que Freud cresceu, pode ter contribuído em grande medida para estimular a curiosidade do rapaz inteligente e vivo que ele provavelmente deve ter sido. O secretismo das relações escondidas no quarto parental (que Freud referiu), associado ao patriarcado e às restrições sexuais de homens e mulheres, particularmente importante nas famílias judaicas, ajudou à identificação do complexo de Édipo (por Freud adulto): este complexo associa o evitamento adulto das relações comportamentais incestuosas com a mãe, as primeiras sensações voluptuosas e as demonstrações de dominância (e portanto de rivalidade) com os outros masculinos (incluindo o pai) na pequena infância, a procura de um lugar na hierarquia social familiar (com, finalmente, identificação ao pai). O mito grego consiste, com toda a probabilidade, na condensação original deste romance, tanto biológico como cultural.

Assim, a herança cultural de Freud, judaica e grega, importou para a identificação, como complexo de Édipo, desta dinâmica, tanto cultural, quanto psicológica e biológica⁷. A cultura judaica (e também judaico-cristã) tradicional assenta no respeito à lei do pai (e do Deus-Pai)⁸ e na punição da transgressão, particularmente a sexual⁹. Por sua vez, o rito de iniciação masculino judaico tradicional (a circuncisão)¹⁰, que significa a entrada simbólica no grupo do pai (e de Deus-Pai), pode ter sido associado por Freud ao medo da castração pelo rapazinho desobediente à lei (sexual) do pai (Deus-Pai). A interiorização da falta, por processos de mentalização típicos da tradição grega e judaico-cristã (ao contrário de outras tradições, como a africana por exemplo, em que a falta é externa – a pessoa só é culpada se for apanhada a cometer o acto proibido; de Heusch, 1993), pode ter contribuído, por sua vez, para uma vivência interiorizada desta dinâmica e para o reconhecimento clínico da sua importância psicológica nas histórias de vida. Não é por acaso que a psicoterapia, enquanto prática de verbalização do mental, também nasce nesta tradição grega e judaico-cristã. Ela permite o acesso à consciência, em processo secundário, dos afectos e desejos primários cujos conteúdos são potencialmente

⁷ Freud temeu que a psicanálise fosse considerada uma ciência judaica e, portanto, rejeitada como não sendo uma verdadeira ciência. Mas o modo como a psicanálise se ajustou aos conflitos típicos da sociedade do tempo de Freud e, mais tarde, aos problemas psicológicos típicos da sociedade ocidental da primeira metade do sec. XX, e até mais tarde, prende-se justamente com a adequação biológica e cultural da teoria às vivências psicológicas. Podemos conjecturar que a viragem da psicanálise estrutura-pulsão para a psicanálise das relações de objecto (Greenberg, & Mitchell, 1983) acompanha, também ela, uma viragem cultural e social no ocidente. De facto, a repressão das pulsões sexuais parece já não corresponder às problemáticas psicossociais dominantes na actualidade pós-moderna; estas prendem-se mais com questões da relação (de objecto), da procura identitária e da estruturação psíquica, no contexto da «modernidade líquida» (Bauman, 2000).

⁸ A figuração de Deus como Pai é típica da tradição judaico-cristã e greco-romana, associando-se ao patriarcado e à organização da sociedade pela lei. Outras culturas, como as culturas orientais ou as culturas de raiz hinduísta, elaboram de modo diverso a sua percepção do sagrado.

⁹ Esta questão está particularmente bem expressa na mitologia de Totem e Tabu (1913).

¹⁰ A «ferida fálica» pela circuncisão, que permite a inclusão no mundo dos homens através da submissão à lei (masculina), tem a sua origem etológica no comportamento de exibição fálica como sinal de dominância que encontramos em muitos primatas.

sancionados pela moral. Moral simultaneamente sexual, mas também moral epistémica, a renovação do ‘conhece-te a ti próprio’ grego que está no fundamento da nossa cultura filosófica e também científica.

Conclusão

Pudemos ver como um fenómeno biológico aparece modulado por uma tradição cultural, dando origem a vivências psicológicas próprias a essa tradição. Noutras culturas, com outras organizações sócio-familiares, a etologia cultural do evitamento do incesto segue outras vias psicológicas. De facto, é bastante provável que a dinâmica de género se construa, na pequena infância, de modos muito diferentes em culturas com ecologias sócio-sexuais diferentes da ocidental. É o caso dos Deni (etnia da Rondónia, Brasil) em que à precocidade dos casamentos (cerca dos 12 anos para as meninas) se associa uma liberdade sexual muito grande desde tenra idade (com início cerca dos 7 anos) e uma grande tolerância pelas infidelidades (Lencastre, 2004). Neste povo, onde não se observa o incesto, o interdito, a falta e a punição tomam configurações muito diferentes das ocidentais. No entanto, dada a estabilidade e a intensidade emocional das primeiras relações afectivas da criança com a sua mãe (características da vinculação) em todas as culturas, é provável que, quando há afastamento das crianças pequenas pela mãe (desmame, libertação sexual da mãe, nova gravidez etc), este seja vivido com alguma agitação¹¹. É também nesta altura que a criança começa a socializar com as outras pessoas, seguindo naturalmente a organização das relações sócio-familiares da etnia. Serão as pessoas perto da mãe quem facilitará essa separação, podendo estas ser o pai ou não¹². Brown (1991) discute a questão da separação pelo pai (ou outro) a partir da polémica opondo Malinowsky e Spiro na década de 1960, concluindo que, uma vez que há separação por terceiros, o complexo de Édipo é universal. Na nossa opinião, o que é universal é o evitamento do incesto e a sua inserção funcional e simbólica numa dada estrutura sócio-familiar, que inclui necessariamente terceiros com valor de referência para a criança em desenvolvimento. O Édipo descreve esta dinâmica através do complexo funcional e simbólico ocidental, marcado pelo patriarcado tradicional, a restrição sexual, a punição pela lei interiorizada, a mentalização e a falta e, mais recentemente, a ideia individualista da separação-individuação. Outras culturas colectivistas como os Deni não associam estes «valores» ao evitamento do incesto. O perigo de transportar a simbólica ocidental para fora do seu contexto corresponde ao perigo de não compreender as formas de organização comportamental e simbólica das pessoas de outras culturas. A resistência por parte de muitos antropólogos e psicólogos em aplicar o complexo de Édipo a outras culturas (e até a situações da nossa) radica nesta questão.

A psicopatologia e a psicoterapia evolutivas deverão levar em conta estas modulações culturais, na medida em que é através delas que se dão os significados psicológicos vividos pelos sujeitos. Cada cultura tem a sua forma particular de organizar as tendências biológicas mais antigas e cada cultura decide quais os comportamentos que deverão ser considerados, ou não, como normais. A perspectiva biológica sobre a psicopatologia e sobre a clínica será assim, também, uma perspectiva etnológica, sobretudo na intervenção, que lida directamente com a organização dos significados subjectivos. Por exemplo, a nossa tradição grega e judaico-cristã enfatiza a mentalização, o discurso racional e os conflitos entre a natureza (o corpo) e a cultura (o espírito). Foi nesta tradição que a psicologia clínica apontou para o carácter turbulento das relações entre as pulsões biológicas e as normas culturais, e foi também nesta cultura que a palavra apareceu como possibilidade (cultural) para resolver e libertar deste conflito. Outras culturas apresentam a questão do corpo e do espírito de modo diverso (Descola, 2005) e são também diversos os caminhos mentais que levam até à saúde ou até à doença e cura da mente (Gielen et al, 2004). A abordagem biológica da psicologia clínica é assim, também e obrigatoriamente, uma abordagem cultural.¹³

¹¹ Este fenómeno também é observável nas crias de chimpanzé.

¹² Na antropologia, as organizações sócio-familiares podem ser variadas, sendo que o núcleo permanente é o da criança pequena com a sua mãe. Encontramos numerosos relatos sobre os rituais de iniciação masculinos, no início da puberdade. É nesta idade que a separação dos rapazes do grupo das mulheres e a sua inserção no grupo dos homens é mais evidente e definitiva. As raparigas também possuem rituais iniciáticos próprios, geralmente associados à reprodução e à fecundidade (Fisher, 1994).

¹³ Parte deste texto foi inicialmente publicado em “Etologia e psicologia evolutiva: Contribuições para a psicologia clínica”, *Psicologica*, 2011, 52: 149-192.

Bibliografia

Bancroft, J. (2009) – *Human sexuality and its problems*. UK: Elsevier Lda.

Bauman, Z. (2000) – *Liquid modernity*. Oxford: Polity Press.

Brown, D.E. (1991) – *Human universals*. USA: McGraw-Hill, Inc.

Brune, M. (2008) – *Textbook of Evolutionary Psychiatry: The origins of psychopathology*. Oxford; New York: Oxford University Press.

Brune, M., Ghiassi, V. & Ribbert, H. (2010) – “Does borderline personality disorder reflect the pathological extreme of an adaptive reproductive strategy? Insights and hypothesis from evolutionary life-history theory”. *Clinical Neuropsychiatry*, 7, 1, 3-9.

Descola, P. (2005) – *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard.

Eibl-Eibesfeldt, I. (1989) – *Human Ethology*. NY: Aldine de Gruyter.

Erickson, M.T. (2000) – The evolution of incest avoidance: Oedipus and the psychopathology of kinship. In Gilbert, P. & Bailey, K.G. (Edts.) *Genes on the couch. Explorations in evolutionary psychotherapy*, USA: Brunner-Routledge, 222-231.

Fisher, H. (1994) – *Anatomia do amor. A história natural da monogamia, do adultério e do divórcio*. Lisboa: D. Quixote.

Freud, S. (1913) – *Totem und Tabu. Einige Übereinstimmungen im Seelenleben der Wilden und der Neurotiker*. Leipzig und Wien: H. Heller & Cie.

Freud, S. (1985) – *The complete letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess 1887-1904*. Cambridge, M.A.: Belknap Press.

Gielen, U.P., Fish, J.M. & Draguns, J.G. (2004) – *Handbook of culture, therapy and healing*. NJ: Lawrence Earlbaum Ass. Publ.

Gilbert, P. & Bailey, K. (Edts.) (2000) – *Genes on the couch. Explorations in evolutionary psychotherapy*. UK: Brunner-Routledge.

Goodall, J. (1986) – *The chimpanzees of Gombe*. Boston: Houghton Mifflin Publishing.

Greenberg, J.R. & Mitchell, S.A. (1983) – *Object relations in psychoanalytic theory*. Harvard University Press.

Heusch, L. de (1993) – La pitié et la honte. In Thinès (Ed.) *Évolution biologique et comportement éthique*, Brux.:Académie Royale de Belgique.

Kirmayer, L. J. (2011) – Multicultural medicine and the politics of recognition. *Journal of Medicine and Philosophy*, 36(410-463).

Latour, B. (1991) – *Nous n'avons jamais été modernes. Essai d'anthropologie symétrique*. Paris: La Découverte.

Lencastre, P. (2004) – *Viagem e estadia nos Deni, Rondônia, Amazônia* in <http://marlencastre.blogspot.com/>

Lencastre, M.P.A. (2008) – “Transdisciplinaridade e boa ciência. O contributo de Bruno Latour para a compreensão das relações entre ciência, conhecimento e sociedade”. *Revista de Investigação Educacional*, 7, 145-155.

Lencastre, M. P. A. (2011) – Etologia e psicologia evolutiva: Contribuições para a psicologia clínica, *Psychologica*, 52: 149 - 192.

Levy-Straus, C. (1949) – *Les Structures élémentaires de la parenté*. Paris: Presses Universitaires de France.

McGowan, P.O., Meaney, M.J. & Szyf, M. (2008) – “Diet and the epigenetic (re)programming of phenotypic differences in behavior”. *Brain Research*, 1237, 12-24.

Shepher, J. (1971) – “Mate selection among second generation kibbutz adolescents and adults: incest avoidance and negative imprinting”. *Archives of Sexual Behavior*, 1, 293-307.

Smuts, B. (1985) – *Sex and Friendship in Baboons*. USA: Aldine Publ..

Stevens, A & Price, J. (2000) – *Evolutionary Psychiatry. A New Beginning*. London: Routledge.

Westermarck, E.A. (1922) – *The History of Human Marriage*. Vol. I.. New York: The Allerton Book Company.

Wolf, A.P. (1995) – *Sexual attraction and childhood association: a Chinese brief for Edward Westermarck.*, Stanford: Stanford Un. Press.

Wrangham, R. (2009) – *Catching Fire: How Cooking Made Us Human*. Basic Books.